

UMA INTRODUÇÃO À HISTÓRIA DA GEOGRAFIA ESCOLAR BRASILEIRA

Adriany de Àvila Melo (*)
Vânia Vlach (*)

RESUMO

A preocupação com a discussão teórico-metodológica do ensino da Geografia está ligada à prática docente. É uma inquietação que perpassa o planejamento da aula, as conversas com colegas da escola, e questiona até a formação profissional como professora de Geografia.

Por outro lado, a história das matérias escolares é cada vez mais pesquisada por educadores, no intuito de se conhecer melhor as especificidades do processo de ensino -aprendizagem. Desde 1970, tem sido crescente o número de trabalhos que enfoca a questão do ensino no Brasil sob a perspectiva de uma única disciplina/matéria escolar.

É também retomando o ensino da Geografia ao longo de sua história e sua prática que podemos compreender melhor a sua trajetória, as atitudes dos profissionais, o envolvimento teórico e as opções metodológicas e, assim, as discussões feitas, na atualidade, sobre a Geografia Tradicional, sob parâmetros críticos e perspectivas pedagógicas de caráter político.

Esta discussão teórica sobre a Geografia ensinada nas escolas de níveis Fundamental e Médio está presente nos artigos publicados em periódicos, em livros, em Anais de Encontros e, também, no exercício dos profissionais envolvidos com a Escola Fundamental, Média e Superior.

A Geografia, assim como outras ciências que são ensinadas nas escolas de Ensino Fundamental e Médio, tem sido discutida por teóricos e também pelos professores que militam na área da educação. Estes pesquisadores discutem a Geografia sob diferentes focos de análise e em diferentes momentos da sua trajetória escolar.

A história da Geografia Escolar Brasileira pretende organizar estes diferentes momentos e tornar possível uma visão mais ampla da trajetória da Geografia, enquanto matéria ensinada. Neste sentido, nosso trabalho almeja retomar o percurso do Ensino da Geografia, e encontrar suas origens no bojo do próprio surgimento do Brasil.

A GEOGRAFIA COMO MATÉRIA ESCOLAR

Buscar compreender o nascimento da Geografia é deparar com a escola, e com a escola de primeiras letras.

No início do século XIX europeu, quando a Prússia almejava fundar o Estado-Nação alemão, o governo instituiu a formação básica para todos, com a exigência de aprenderem a língua nacional, a história e a Geografia na perspectiva do “amor à pátria.”¹

Carregada de uma função patriótica, a Geografia foi também institucionalizada na França após 1870, quando ficou comprovado que a Alemanha ganhou a guerra franco-prussiana porque seus soldados sabiam mais sobre ela². Testada na Alemanha e depois na França, a Geografia se apresentava, então, com um valor inigualável de prestadora de serviços patrióticos para o Estado-Nação.

A Geografia começou a ser ensinada na escola porque era útil à classe dominante³ naquele momento histórico.

A partir de sua inserção na escola, ela passa a ter uma função: mostrar através de descrições, mapas com contorno do país e da observação direta do meio circundante o próprio Estado-Nação, valorizando-o e criando laços de respeito e dedicação à imagem da pátria, para que, se fosse preciso, se lutasse/querresse por ela. Assim, a Geografia oficializou-se nas escolas formando o futuro soldado, e/ou,

(*) Licenciada em Geografia - Mestranda/IGUFU/ Bolsista FAPEMIG - Adrianymc@zipmail.com.br

(*) Profa.Dra.IGUFU - vaniarubia@nanet.com.br

¹ Cf.VLACH,1988

² Cf.GIBLIN,1989

³ Sobre a burguesia industrial na Europa do século XIX e o seu papel na difusão do ensino público ver VESENTINI (1984), VLACH (1992b).

o cidadão. Tornou-se uma Ciência anos mais tarde porque chegou à universidade com a incumbência de formar professores para lecioná-la.

No Brasil, o ensino do "amor à pátria"(por meio da História e da Geografia), talvez um pouco menos carregado de valores militares, teve o intuito de "inculcar o nacionalismo patriótico"⁴. Entretanto, a Escola Pública (e com ela o Ensino da Geografia) voltada para um grande contingente de pessoas, teve início no século XIX na Europa e, posteriormente, nos Estados Unidos. No Brasil, isso só aconteceu depois de 1930, com a expansão urbana, a efetiva formação do mercado nacional, a diversificação do processo de industrialização e a nova exigência de trabalhadores alfabetizados⁵

A PRÁTICA DA GEOGRAFIA ESCOLAR NO INÍCIO DA HISTÓRIA DO BRASIL

No Brasil Colônia, durante os séculos XVI, XVII e XVIII, a educação ministrada pelos jesuítas era claramente diferenciada entre indígenas e filhos dos colonos. Para os primeiros, valorizou-se a formação religiosa cristã, e, para os administradores/ exploradores da Colônia, uma formação humanista, com uma camuflada introdução do "amor à pátria" através da leitura poética e romântica da paisagem na escola elementar⁶. Na época, o Ensino da Geografia acontecia diluído em textos literários.

Já no século XIX, primeiro sob o Império e depois sob a República, a educação brasileira continuava sendo voltada para a classe dominante⁷: um seleto grupo de "intelectuais, profissionais liberais, militares, funcionários públicos, pequenos comerciantes e artesãos"⁸

Foi de certa forma por causa desta classe dominante que a Geografia tornou-se uma matéria escolar específica quando, em 1831, passou a ser requisito nas provas para os Cursos Superiores de Direito⁹.

A FUNDAÇÃO DO COLÉGIO PEDRO II E A INSTITUCIONALIZAÇÃO DA GEOGRAFIA ESCOLAR

Considerada um saber essencial na formação dos bacharéis, futuros intelectuais e administradores do país, a Geografia ganha o status de matéria quando passa a ser estudada em "aulas" preparatórias para a admissão nas faculdades de Direito. E, em 1837, aparece pela primeira vez como componente do "Programa" de conteúdos do Colégio Pedro II¹⁰.

O fato de a Geografia fazer parte do Programa do Colégio Pedro II¹¹ a tornou uma matéria obrigatória nos colégios, uma vez que o Pedro II era a referência oficial de educação secundária no país.

A obrigatoriedade do Ensino da Geografia, de certa forma imposta pelo Colégio Pedro II, foi um salto na "carreira"¹² escolar da Geografia, que passou a fazer parte dos programas de todas as reformas educacionais posteriores¹³.

Formalmente incorporada à Escola no Brasil a partir da fundação do Colégio Pedro II (1837), a Geografia passou a ser ensinada nas escolas secundárias do país, e desde então, faz parte dos conteúdos definidos por todas as Reformas Educacionais Brasileiras, de 1889 a 1996¹⁴, mantendo seu "status" de matéria obrigatória.

De um saber estratégico, a Geografia se tornou um saber "apropriado" pela escola, redirecionado para os alunos. Assim, transformou-se em um ensino mnemônico, com listas de nomes para serem "decorados".

⁴ Cf.VLACH,1988

⁵ Cf.RIBEIRO,2000

⁶ Cf.VLACH,1988

⁷ Sem se preocupar com a questão do Ensino Básico para a maioria da população, o Governo brasileiro, seja no período da Monarquia ou da República, até a década de 1930, mantinha cursos superiores, opção clara por uma classe social específica.

⁸ Cf.COLESANTI,1984

⁹ Cf.VLACH,1988

¹⁰ Cf.VLACH,1988; ROCHA,1999a; RIBEIRO,2000.

¹¹ O Colégio Pedro II foi fundado com a intenção de copiar os Liceus franceses, e a Geografia vai ser incorporada na grade de matérias porque ela fazia parte das matérias escolares já consolidadas na França(ROCHA,1996)

¹² Segundo GOODSON(1995) as matérias escolares apresentam um padrão de "evolução", no qual saem de um saber útil, são incorporados nas escolas e em uma terceira fase, chegam ao patamar de disciplina.

¹³ Cf.ISSLER,1973; COLESANTI,1984; PEREIRA,1999; entre outros.

¹⁴ COLESANTI (1984), fez um estudo sobre as Reformas Educacionais de 1889 a 1961, e os livros didáticos de Geografia.

Como documentos do ensino da Geografia neste período, os livros didáticos comprovam esta forma de ensinar. Deve-se registrar que, do livro de Aires de Casal, "Corografia Brasileira" (1817), "a memorização de fatos e fenômenos desprovidos de significados"¹⁵ foi copiado por vários autores de livros didáticos durante o século XIX¹⁶. No século XX, manteve-se, de maneira geral, a mesma concepção quanto ao método de ensinar Geografia. Como exemplo, temos o livro de Cláudio Thomas "Geografia: curso elementar", editado em 1947, composto por 390 questões de perguntas e respostas com "conteúdo essencialmente decorativo"¹⁷.

A INFLUÊNCIA LIVRESCA NO MODO DE ENSINAR GEOGRAFIA

Antes da institucionalização da Geografia como disciplina acadêmica e como ciência, com seus próprios pesquisadores (1934), quem produzia e discutia Geografia era os professores do Ensino Secundário. Por outro lado, foram os autores de livros didáticos, bons ou ruins, que popularizaram o Ensino da Geografia durante o século XIX e início do século XX. Mesmo criticados severamente é preciso considerar que a sua contribuição foi fundamental para a consolidação¹⁸ da Geografia Brasileira.

Em 1817 foi lançado "Corografia Brasileira" do padre Manoel Aires de Casal, que é o primeiro livro de Geografia do Brasil. Uma Geografia de nomenclaturas e descrições "áridas". Uma Geografia com muitos problemas metodológicos e epistemológicos. Todavia, era a primeira vez que se abordava o Brasil como um todo.

Foi somente no século XX que um professor do Colégio Pedro II, Carlos Miguel Delgado de Carvalho, formado na França e autor de livros didáticos no Brasil trouxe à discussão sobre a Geografia Moderna Explicativa e Científica. Suas posições ofereceram contribuições importantíssimas para um campo novo na Geografia brasileira: a questão teórico-metodológica desta matéria escolar, que já havia se consolidado como uma ciência na Europa.

A Geografia Moderna/Científica, em evidência na Alemanha e na França, "caracterizada por seu conteúdo explicativo, diferente do caráter descritivo da Geografia Tradicional"¹⁹ foi, aos poucos, sendo incorporada ao ensino, por meio de seus próprios agentes, os professores, como é o caso de Delgado de Carvalho, reconhecido por muitos autores da atualidade, como um dos precursores da Geografia Moderna brasileira²⁰.

O que caracteriza a Geografia dita Tradicional é o seu "método" de ensino que supervaloriza a "memorização de inúmeras informações"²¹ e seu "distanciamento da realidade"²², e também o referencial teórico: os livros de Geografia Clássica/mnemônicos. Este modelo de ensino permaneceu quase inalterado até a década de 1930, quando teve início a organização de cursos universitários nas principais cidades do país; a criação de órgãos de assessoria ao governo e ligados à Geografia, como o IBGE; a "expansão do ensino no país; as reformas escolares nos estados e a difusão de idéias renovadoras na educação"²³.

Generalizando, este modelo de ensino, chamado Geografia Moderna/Científica/ Explicativa chegou à escola, mas não eliminou a abordagem anterior, chamada Tradicional / Clássica:

"(...) duas orientações nortearam a trajetória desta disciplina: a Geografia Clássica e a Geografia Moderna. Não houve entre elas um simples processo de substituição por evolução, mas um complexo processo de conflitos que resultou numa complementaridade tornada modelo hegemônico em nossas salas de aula até por volta das décadas de 70 e 80 deste século, quando se iniciou um novo processo de conflitos no interior desta disciplina"²⁴

A INSTITUCIONALIZAÇÃO DA GEOGRAFIA NA ACADEMIA

¹⁵ LIMA, 1999, p.200

¹⁶ Cf. VLACH, 1988

¹⁷ GONÇALVES & CHAVES, 1999, p.197

¹⁸ Infelizmente uma consolidação permeada de problemas teórico-metodológicos, que traziam como referência listas de nomes de acidentes geográficos sem conexão, desperdiçando toda a contribuição que os geógrafos modernos já produziam na Alemanha e na França.

¹⁹ PRÉVE, 1988, p.43

²⁰ Cf. ISSLER, 1973; VLACH, 1988; ROCHA, 1999a; entre outros.

²¹ PRÉVE, 1988, p. 45

²² LIMA, 1999, p.201

²³ PRÉVE, 1988, p.47

²⁴ ROCHA, 1999b, p.233

A fundação do Curso Superior de Geografia ocorreu a partir da década de 1930 com as faculdades de "História e Geografia" em São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Recife e Salvador, onde eram ministrados por professores franceses, o que deu início uma Geografia sob a influência Lablanchiana. Desde então, as contribuições para o campo teórico-metodológico passam cada vez mais pela academia.

Com a abertura dos cursos universitários de Geografia, tem-se o começo de uma nova fase, a acadêmica, com professores e alunos preocupados em desenvolverem a Ciência Geográfica, e torná-la cada vez mais independente, com seu próprio objeto de estudo e, ao mesmo tempo, mais "útil" à sociedade.

Inicialmente, os cursos formavam os professores que faltavam às escolas, mas, ao mesmo tempo, produzia-se pesquisa. Os licenciados em Geografia foram os primeiros participantes dos trabalhos de campo regionais.

O IBGE é fundado neste período, atendendo a uma das exigências da União Geográfica Internacional de que houvesse uma instituição governamental que empregasse geógrafos. Este foi o início da formação do técnico em Geografia, o bacharel.

Outro importante órgão responsável pela divulgação e melhoria da formação dos profissionais da Geografia é a AGB. Fundada em 1934, por Pierre Deffontaines, ela reunia intelectuais que se interessavam pela Geografia do Brasil. Em 1944, geógrafos do Rio de Janeiro e São Paulo deram-lhe dimensões nacionais, com a abertura de seções regionais em quase todas as capitais brasileiras²⁵.

Uma das principais características da AGB é a promoção regular de assembleias gerais²⁶ em diversas cidades do país, em que se realizam seminários, apresentação de trabalhos, trabalhos de campo e subseqüentemente, publicações em anais.

Nas duas últimas décadas, os debates dos Encontros Nacionais de Geógrafos promovidos pela AGB apresentam vários trabalhos científicos que privilegiam a questão do Ensino da Geografia. Pode-se afirmar que 1978 é o marco inicial desse processo. Os trabalhos sobre ensino de conteúdos, formação docente, mercado de trabalho, discussão curricular, entre outros são cada vez mais presentes, mostrando que muitas pessoas voltam a discutir a problemática do Ensino da Geografia, o que faz com que se organize um encontro específico de Geografia Escolar. Assim, o 1o Fala Professor, Encontro Nacional de Professores de Geografia, ocorreu em Brasília, em 1987, e o segundo em 1991, na cidade de São Paulo.

A organização de encontros voltados para um tema particular revela o crescente interesse que a Geografia Escolar vem novamente despertando, agora na academia, entre os pesquisadores e também entre os professores que atuam nas escolas do Ensino Fundamental e Médio e têm oportunidade de participar dos mesmos, apresentando suas vivências de sala de aula, o que enriquece o encontro.

Esta articulação entre os grupos que discutem a Geografia Escolar no Brasil abre oportunidades para novas pesquisas e incentiva os alunos da graduação a problematizarem sua própria formação no mercado de trabalho: a educação. Tal dinâmica, que começou no final dos anos 1970 e avançou de maneira extraordinária durante a década de 1980, mostra que a Geografia Escolar começou/recomeçou a provocar reflexões no seu todo e, em suas particularidades, de maneira que em 1999, foram apresentados 280 trabalhos no 4o Fala Professor – Encontro Nacional de Professores de Geografia, realizado em Curitiba, Paraná.

²⁵ Cf. ANDRADE, 1992

²⁶ O XII Encontro Nacional de Geógrafos, ocorrido entre os dias 16 e 23 de julho de 2000, reuniu mais de 3000 pré-inscritos, com quatro palestras simultâneas todos os dias, entre outras atividades..

CONSIDERAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS

A Geografia que se ensina nas escolas não é a mesma da academia. Trata-se de “Geografia(s)”²⁷, cada uma com suas preocupações, seu(s) “fim” (ns) específico (s).

No final da década de 1970 a Geografia ensinada era Tradicional, isto é um bloco “hegemônico”²⁸ mesclado de “Geografia Clássica” e de “Geografia Moderna”, que continuava privilegiando a memorização e mantinha-se distante da realidade.

Este aspecto começava incomodar muitos professores do Ensino Fundamental e Médio. Incomodava-os o fato de ser a Geografia “enfadonha, “chata”, sem sentido prático na vida de seus alunos. Esta indignação com a situação escolar da Geografia foi ganhando adeptos à medida que mais professores de Geografia estavam sendo habilitado, com uma visão mais ampla desta disciplina, mas, ao mesmo tempo, encontrando uma realidade escolar muito diferente.

Para entender a década de 1970 e as transformações teóricas e práticas pelas quais a Geografia passou naquele momento, é necessário retomar as discussões que já aconteciam nos Estados Unidos desde os anos 1950 e 1960²⁹, período efervescente da Geografia Radical americana, e também, na Europa³⁰, onde a Geografia era questionada enquanto função social (para quem?); enquanto estratégia de caráter militar/econômica; e, paralelamente, sendo ensinada na escola de forma maçante, compartimentada em conteúdos burocratizados pelos programas escolares.

Tais inquietações no campo teórico da Geografia tomaram corpo por meio de reivindicações dos professores por mais “espaços de diálogo” sobre a educação, a questão da formação docente e a pesquisa voltada para o ensino de Geografia.

A apreensão de professores com a situação de inércia da escola e, em específico, com a Geografia brasileira, remonta à década de 1960³¹. No período anterior ao golpe militar (1964), havia discussões sobre o papel do ensino na universidade, e a preocupação, cada vez maior, de abordar, nas aulas de Geografia, assuntos cotidianos e de fazer delas momentos de reflexão da própria vida e do mundo³².

De forma geral, havia muitas possibilidades de participação cívica, que, entretanto, foram militarmente rompidas pelo Golpe de 1964.

Muitos professores que discutiam a importância de um ensino mais crítico, mais reflexivo e sem memorização, tiveram sua atuação muito prejudicada:

“(...) a atuação de grupos que defendiam esses ideais foi limitada durante o período de vigência da ditadura militar que viveu o país após 1964, para só, mais tarde, com o início da abertura democrática, reaparecer e tomar força, mesmo que sob novos rótulos. No caso da nossa disciplina, o movimento de renovação, que durante essa época ficou reprimido e marginalizado, surge, no final da década de 1970, com o nome de Geografia Crítica”³³.

A partir da década de 1970, as frentes de discussão sobre ensino de Geografia, e sobre esta ciência de forma ampla, convergiram para as mesmas questões: “para que serve a Geografia”³⁴, quem a usa e para que(?), gerando debates que se preocupavam cada vez mais em colocar, primeiro, o interesse pela realidade e, por isso, não mais submissão e desvinculação de críticas, e segundo, uma ênfase à Geografia ensinada, merecedora de várias dissertações e teses a partir da década de 1980, evidenciando uma revalorização da Geografia escolar pelo meio universitário.

²⁷ Cf. SEABRA, 1984

²⁸ Cf. ROCHA, 1999a

²⁹ Cf. PEET, 1982

³⁰ Cf. LACOSTE, 1993

³¹ Cf. OLIVEIRA, 1999

³² Cf. VESENTINI, 1989; FOUCHER, 1989

³³ OLIVEIRA, 1999, p.209

³⁴ Cf. LACOSTE, 1993

Aumenta pois, o debate teórico-metodológico em torno da Geografia ensinada. “Surge” a preocupação de explicar as origens de cada corrente teórica que influencia a prática desta matéria que, de certa forma, continua influenciando o conteúdo escolar.

Para alguns autores, este passado da Geografia está atrelado ao Positivismo como linha teórica:

“O que é nosso passado senão uma tradição teórica embasada, quase que exclusivamente, numa concepção positivista de mundo? O que foi nossa prática senão uma tecnologia de compreensão e intervenção no espaço terrestre, a serviço das classes dominantes e dos Estados?”³⁵

Ligados ao Positivismo, também estão seus procedimentos, como o uso da técnica em favor do reconhecimento do território para uma classe social específica:

“O século XIX, do ponto de vista da epistemologia, é o século do positivismo, da sua emergência e da sua consolidação. (...) A situação histórica mostra uma classe social – a burguesia industrial consolidando sua conquista do mundo”³⁶

A Geografia enquanto Ciência se institucionaliza neste momento e encontra em seus teóricos, Humboldt, Rittler, Ratzel e La Blache³⁷, a justificativa para seu envolvimento político num momento de grandes conquistas, tanto do próprio território (a definição do Estado-Nação) como de novos mercados (o imperialismo).

O ensino de Geografia Moderna trás consigo uma concepção tradicional, de base teórica positivista, evidencia uma Geografia compartimentada, que privilegia o quadro natural, “suprime o sujeito” e se considera neutra (neutralidade com fins próprios: dominação):

“Ao privilegiar a terra, o ensino de Geografia caminhou ao encontro da metodologia positivista, na medida em que não trabalhou as contradições sociais”³⁸.

Entretanto, a Geografia dita Tradicional não foi somente Positivista:

“Foi a Geografia Tradicional como um todo realmente positivista nessa acepção de escola de pensamento inaugurada por Comte? Temos que convir que não: foram escassos na Geografia os discípulos do fundador do Positivismo (Humboldt e Ritter, por exemplo, nunca fizeram referência a esse pensador francês; suas fontes teóricas estão mais para Kant e Herder, além do romantismo alemão de Novalis, Schelling, De Maistre e Fichte)(...) tendo existido casos de geógrafos (raro é verdade – dois exemplos são R. Hartshorne e Paul Claval) idealistas ou racionalistas, que foram portanto antípodas em relação ao empirismo”³⁹

Desta forma, relacionar a Geografia Tradicional (que hoje incorpora as Geografias Clássica e Moderna, que trás consigo a Geografia Quantitativa e a Geografia da Percepção) à uma única corrente teórica é reduzir a discussão sobre as características do pensamento geográfico no período de sua consolidação enquanto matéria escolar e também como uma ciência institucionalizada. Por isso, o debate sobre a questão teórico-metodológica, evidenciando as fontes/autores consultados por quem pratica a Geografia escolar é relevante para as discussões travadas no bojo da escola.

³⁵ MORAES, 1985, p75. Ainda sobre uma concepção positivista de mundo, ver PEREIRA, 1999.

³⁶ VLACH, 1992, p.41

³⁷ Sobre estes autores ver: BRAY, 1985; PEREIRA, 1999; ROSSATO, 1985; SEABRA, 1984; VESENTINI, 1985; VLACH., 1992; entre outros.

³⁸ VLACH, 1992, P.43

³⁹ VESENTINI, 1987, p.63

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, Manoel C. de. Geografia: Ciência da Sociedade. Uma introdução à análise do Pensamento Geográfico. 2a edição. São Paulo: Atlas. 1992. 143p.
- BRAY, Sylvio. Ideologia e Ensino da Geografia. Geografia. Rio Claro. Vol. 10. no.19.p.206-208. abr.1985
- COLESANTI, Marlene T. de M. O ensino de Geografia através do livro didático no período de 1890 a 1971. Rio Claro: UNESP. 1984.213p.
- FOUCHER, Michel Lecionar a Geografia , apesar de tudo . In : VESENTINI, J. W. (org) Geografia e Ensino: Textos Críticos. Campinas: Papyrus.1989. p. 13-29
- GIBLIN, Beátrice. A Geografia, disciplina subjugada (ou a história de uma batalha perdida para a Geografia) In: Geografia e Ensino- Textos Críticos. Campinas: Papyrus. 1989. p.135-148.
- GONÇALVES, Juliano R. & CHAVES, Manoel R. O discurso geográfico escolar brasileiro na década de 1930/1940. Geografia- Curso Elementar (Cláudio Thomas) In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DO PENSAMENTO GEOGRÁFICO. I. Anais... Rio Claro: UNESP. 1999. p. 196-199.
- ISSLER, Bernardo. A Geografia e os Estudos Sociais. Presidente Prudente: UNESP.1973. 253p (Tese Doutorado)
- LACOSTE, Yves. A Geografia: Isso serve em primeiro lugar para fazer a Guerra. 3a.edição. Campinas: Papyrus. 1993. 263p.
- LIMA, Maria da Graças de. Percurso da Geografia Escolar: um resgate da leitura de Caio Prado Júnior sobre a Corografia Brasileira. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DO PENSAMENTO GEOGRÁFICO. I. Anais... Rio Claro:UNESP. 1999. p.200-206
- MORAES, Antônio Carlos R. Epistemologia e Geografia. Orientação. São Paulo. no. 6. p.85-87.1985
- OLIVEIRA, César A.C. de. Considerações sobre a História da Geografia Crítica e seu ensino. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DO PENSAMENTO GEOGRÁFICO. I. Anais... Rio Claro:UNESP. 1999 p.200-206
- PEET, Richard. O desenvolvimento da Geografia Radical nos Estados Unidos. In: CHRISTOFOLETTI Antônio (org). Perspectivas da Geografia. Trad. Nádia Piran e Antônio Christofolletti. São Paulo: DIFEL. 1982. p. 225-251.
- PRÉVE, Orlandiana S.D. A participação do Boletim Geográfico do IBGE na produção da metodologia do Ensino da Geografia. Campinas:UNICAMP. 1988. 226p. (Dissertação Mestrado)
- RIBEIRO, Maria Luísa S. História da Educação Brasileira: a organização escolar. 16a edição. Campinas: Autores Associados. 2000. 207p. (Coleção Memórias da Educação)
- ROCHA, Genyilton Odilon Rêgo da. A Geografia escolar brasileira nos fins do século XIX.: Revisitando os pareceres de Ruy Barbosa,1882. IN: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DO PENSAMENTO GEOGRÁFICO. I. Anais... Rio Claro:UNESP. 1999. p. 220-231.
- ROSSATO, Dirce M.S. A Geografia que se faz é a Geografia que se ensina. Orientação. São Paulo. no. 6. p.85-87.1985
- SEABRA, Manoel F. Geografia(s)? Orientação. São Paulo. n.5.p.9-17.1984
- VESENTINI, J.W. Ensino de Geografia e Luta de Classes. Orientação. São Paulo.n.5.p.33-36.out. 1984
- _____. Geografia Crítica e Ensino. Orientação. São Paulo. n.6. p.53-58.1985
- _____. O método e a Práxis(notas polêmicas sobre Geografia Tradicional e Geografia Crítica) Terra Livre. São Paulo. n.2. p.59-90. 1987
- _____. A questão do livro didático no ensino da Geografia. In: _____(org). Geografia e Ensino: textos críticos. Campinas: Papyrus. 1989. p. 161-179.
- VLACH, Vânia R.F. A propósito do ensino de Geografia em questão o nacionalismo patriótico. São Paulo: USP. 1988.206p. (Dissertação Mestrado)
- _____. Da ideologia do ensino da Geografia de 1o e 2o graus. Orientação. São Paulo.n.9 p 27-32. 1992a.
- _____. Metodologia do Ensino de Geografia. Caderno de Geografia. Belo Horizonte. vol.2. n.3. p.41-52. jul. 1992b.